

BOLSAS		BOVESPA		GLOBAL 40		DÓLAR		EURO		OURO		CDB		INFLAÇÃO	
Na quarta-feira (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)		Título da dívida externa brasileira, na quarta		Quarta-feira (em R\$)		Turismo, venda (em R\$) na quarta-feira		Na BM&F, o grama (em R\$)		Prestado, 30 dias (em % ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
+0,94	São Paulo	-0,38	Nova York	1,341	(▲ 0,04%)	1,727	(▼ 1,03%)	2,823	(▼ 0,35%)	R\$ 51,50	(▲ 0,9804%)	11,24%		Outubro/2007	0,30
														Novembro/2007	0,38
														Dezembro/2007	0,74
														Janeiro/2008	0,54
														Fevereiro/2008	0,49

Economia - Brasil

CONJUNTURA

Presidente chama Mantega e Meirelles para aparar arestas. Diz que conflito entre eles passou dos limites, exige unidade na equipe econômica e apóia Banco Central na política de juros

Repreensão de Lula

VICENTE NUNES
 E RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Lula interveio ontem na guerra declarada entre o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles — briga que o *Correio* revelou na edição do último domingo. Logo pela manhã, ordenou que os dois fossem ao Alvorada para ouvir o sermão de que exige união na equipe econômica, fundamental para preservar as conquistas que levam o governo a registrar recordes de aprovação. Tenso, Lula disse que as divergências entre os dois tinham passado dos limites.

Na conversa, tanto Mantega quanto Meirelles não economizaram nos ressentimentos e, como já vêm fazendo publicamente e nos bastidores, divergiram sobre os rumos das taxas de juros. Na avaliação do ministro, não há razão para que o Comitê de Política Monetária (Copom) cumpra a ameaça de elevar a taxa básica (Selic), que está em 11,25% ao ano, na reunião marcada para os próximos dias 15 e 16 de abril. Para ele, tal movimento, se confirmado, só contribuirá para derrubar os preços do dólar, pois atrairá mais recursos de curto prazo, afetando a balança comercial e levando as contas externas a uma situação de fragilidade. Meirelles rebateu que a política de juros é tema exclusivo do BC e reforçou que as pressões inflacionárias detectadas pela instituição são reais e perigosas.

Segundo assessores da Presidência da República, mesmo não querendo a alta de juros, Lula apoiou Meirelles e deu um puxão de orelhas em Mantega. O presidente ressaltou que não esperava ser obrigado a ter de chamar seus dois principais conselheiros econômicos para um novo pito. Sobre o fato de que ambos haviam informado a ele que tinham acertado os pontos na última sexta-feira, em uma reunião de mais de uma hora e meia em São Paulo, conforme informou o *Correio* anteontem.

Cala-boca

A disputa entre Mantega e Meirelles começou a ganhar corpo no início de março, quando o Ministério da Fazenda baixou medidas para conter a queda do dólar, entre elas a incidência do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) nas aplicações de estrangeiros em renda fixa. Mas o que realmente tirou o presidente do BC do sério foi a declaração do ministro ao colunista Merval Pereira, de *O Globo*, de que o governo limitaria os financiamentos

Iano Andrade/CB - 15/12/06



HENRIQUE MEIRELLES, DO BC, E GUIDO MANTEGA, DA FAZENDA: DISPUTA SOBRE RUMOS DA TAXA DE JUROS SE ACIRRARAM NO INÍCIO DE MARÇO

de automóveis em 36 meses. Apesar de ver o crédito com preocupação, o BC se sentiu traído com "a interferência" de Mantega. Meirelles, que estava de férias, ligou para o presidente Lula e pediu que ele conversasse com o ministro. Depois do pito de Lula e de um cala-boca da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, Mantega teve de voltar atrás.

Para explicitar o descontentamento do BC, na última quinta-feira, o diretor de Política Econômica da instituição, Mário Mesquita, considerado o mais

ortodoxo do grupo de Meirelles, não só frisou que o efeito de uma restrição ao crédito seria inócuo no combate à inflação, como aumentou o tom das preocupações do BC com o forte incremento do consumo das famílias, que avança a taxas superiores a 7% ao ano. Ao apresentar o relatório trimestral de inflação só faltou anunciar que os juros aumentariam naquele momento para evitar uma explosão da demanda.

O troco de Mantega veio anteontem. Na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico

e Social, disse que o país "venceu o mito" de que a economia não poderia crescer mais de 3% por ano sem gerar inflação de demanda. No que foi interpretado como um recado a Meirelles, afirmou que o país vai derrubar os "incrédulos e pessimistas" que não acreditam num crescimento de 5% sem pressões inflacionárias, e destacou que os "ortodoxos" estão errados ao temer que o atual ciclo de expansão venha a provocar desequilíbrios entre a oferta e a procura.

Lula ainda não estava no salão naquele momento, mas foi infor-

mado do teor do discurso. Indagado ontem sobre a reunião com Meirelles e Mantega, o presidente da República foi taxativo: "Esse é o tipo da conversa sobre o qual eu não falo". De forma pouco usual, Mantega — que nunca escondeu as divergências com Meirelles — entrou no ministério três vezes depois que saiu do Alvorada e se recusou a responder perguntas de jornalistas. Em geral, o ministro costuma parar para dar entrevistas. O silêncio de ontem foi recebido no Planalto como um sinal de que Mantega sentiu o baque.